

## COSMOTÉCNICA COMO COSMOPOLÍTICA DA MEMÓRIA: UMA PROPOSTA ANALÍTICA A PARTIR DA OBRA DE YUK HUI

GABRIEL DOS SANTOS GONZAGA

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Rio de Janeiro, Brasil

ALEX SANDRO MALAQUIAS DA SILVA

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

---

**RESUMO:** Este estudo visa a refletir sobre a capacidade da tecnologia moderna em reorganizar a historicidade, explorando o pensamento do filósofo Yuk Hui. Hui destaca a tecnodiversidade como um elemento crucial nos debates contemporâneos sobre técnica. Utilizando uma análise bibliográfica que integra as ideias de Hui com discussões da Filosofia da Técnica, este trabalho propõe a cosmotécnica como uma forma de abordar a memória, configurando-se, assim, uma cosmopolítica da memória. Este método de análise interdisciplinar proporciona uma compreensão ampliada da relação entre técnica, memória e diversidade tecnológica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; Técnica; Cosmotécnica; Cosmopolítica.

---

### INTRODUÇÃO

Entre as temáticas preponderantes no século XXI, caracterizado politicamente pelos discursos pós-coloniais e decoloniais, dos quais a memória – contemplando as comemorações, os lugares e os arquivos – faz parte, a obra do filósofo chinês Yuk Hui é uma valiosa contribuição. Neste artigo, defendemos que o autor oferece um *insight* que deve ser transfigurado às reflexões sobre a memória e a historicidade. O que esboçamos neste texto é uma analítica, um modo de compreensão que visa a aderir a uma agenda e a uma prática.

Natural de Hong Kong, Yuk Hui se formou em Engenharia da Computação na Universidade de Hong Kong e obteve seu título de Ph.D. em Filosofia na Goldsmith College (Londres, Inglaterra), especializando-se em filosofia da tecnologia. Sua trajetória acadêmica engloba estágios de pesquisa na França e na Alemanha, além de uma relação próxima com centros de pesquisa em tecnologia na Rússia. Hui tem despontado como grande agitador dos círculos intelectuais, com trabalhos muito bem recebidos pela crítica acadêmica. Assim, tem contribuído com debates sobre suas principais bandeiras: as cosmotécnicas e a política da tecnodiversidade. Esse é o caso de uma cosmotécnica ameríndia perspectivista, especulada por ele em conversa com o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro (Viveiros de Castro; Hui, 2021).

Yuk Hui é vinculado à fenomenologia do alemão Martin Heidegger e à filosofia da individuação do francês Gilbert Simondon. Porém, é o também francês Bernard Stiegler, um dos maiores incentivadores dos estudos filosóficos em tecnologia na França, o principal influenciador do seu trabalho e com quem manteve uma relação de aprendiz. Como parte dos nossos esforços, desviaremos seguidas vezes pelo

pensamento desses filósofos, uma vez que suas obras se cruzam com a constituição do pensamento de Hui. É, pois, partindo dessa herança em particular – que podemos nomear como a pergunta europeia pela diferença ontológica – que Hui encontra uma interlocução na antropologia contemporânea, principalmente em Philippe Descolas e Viveiros de Castro.

Essa entrada, porém, é crítica e ambígua: ao mesmo tempo em que enxerga no perspectivismo e no multinaturalismo a possibilidade de fragmentação da tecnologia moderna, Hui questiona a antropologia por sua desatenção com a modernidade tecnológica, partindo da tese defendida por Stiegler, pela qual a modernidade é compreendida como dotada de um “inconsciente tecnológico” (Hui, 2016b, p. 228)<sup>1</sup>. É a quebra desse inconsciente que orienta o movimento de ir além da modernidade. O uso da cosmotécnica como uma proposta analítica-filosófica visa à entrada da técnica como um fator decisivo nas principais discussões contemporâneas das humanidades.

Nossa investigação sobre a obra de Yuk Hui propõe destacar a relação entre a memória e a historicidade. Para isso, retomaremos, guiados pelos argumentos de Hui, à terceira dimensão da memória, a “retenção terciária”, como defendida por Stiegler, a fim de compreender quais são as consequências do “evento cosmotécnico” (Hui, 2020a)<sup>2</sup> para as políticas de rememoração e arquivo. Para tanto, este trabalho segue a crítica de Hui à cibernética e a implicação desta em sua análise dos objetos digitais, focando precisamente na tecnologia digital. Finalmente, chegaremos na cosmotécnica chinesa, que é um exemplo concreto oferecido por Hui de como reorganizar a filosofia e a história da técnica objetivando a tecnodiversidade.

Através de uma análise bibliográfica que integra as ideias de Hui com discussões da Filosofia da Técnica, este trabalho propõe a cosmotécnica como uma forma de abordar a memória, configurando-se, assim, uma cosmopolítica da memória. Este método interdisciplinar proporciona uma compreensão ampliada da relação entre técnica, memória e diversidade tecnológica.

## TÉCNICA E MEMÓRIA

O primeiro passo será determinar o espaço analítico em que a técnica e a memória se encontram e como essa convergência destaca uma dimensão frequentemente ignorada pela teoria crítica a respeito da memória social. Contudo, é importante salientar que delinear uma definição de técnica não é uma tarefa fácil, de modo que seremos mais coerentes se sombreamos a sua concepção e, mais à frente, a preencheremos pela crítica de Hui à cibernética e à era computacional-digital. Desse modo, nos centramos na tecnologia moderna, alvo da crítica do filósofo, silenciando outras possíveis interpretações de técnica, presentes em seus trabalhos, em prol do nosso argumento. Esse recorte destaca a tecnodiversidade como um movimento de fragmentação dos saberes técnicos em reação à sincronização pelas tecnologias cibernético-digitais.

Seu livro *The Question Concerning Technology in China* (Hui, 2016b) é a principal contribuição de Hui à cosmotécnica. Nele, o autor enfatiza que o problema da técnica se encontra na maneira como a filosofia europeia a define. Sua origem remete ao

mito de Prometeu, titã que roubou o fogo do Olimpo e o entregou aos humanos. O fogo foi a primeira tecnologia. Ainda que Hui trabalhe interlocuções entre a filosofia europeia e a chinesa, ele é taxativo ao afirmar que o prometeísmo não é presente no que seria a gênese da técnica na tradição oriental. Tal constatação o levou a uma formulação própria da técnica. Essa é uma hipótese que orienta a investigação de Hui: “[...] na China, técnica no sentido que entendemos hoje – ou ao menos como é definida por certos filósofos europeus – nunca existiu” (Hui, 2016b, p. 28, tradução nossa). Desse modo, não será possível fixar uma concepção de técnica. Em vez disto, conforme sugere Hui, trabalharemos com o conceito de tecnicidade – termo que remete ao processo de individualização<sup>3</sup> da técnica na localidade (Barthelémy, 2012; Vilalta, 2021).

Hui (2016b) defende a recuperação da “localidade”<sup>3</sup>, seguindo a reflexão antropológica sobre a técnica de André Leroi-Gourhan (2019). Este difere os fatos técnicos, correspondentes ao local, das tendências técnicas, concernentes ao universal. As duas dimensões técnicas constituem o esquema de Leroi-Gourhan da formação de indivíduos e ambientes (*milieus*) técnicos que se comportam em causalidade recursiva, operação própria da relação entre organismos vivos e seu meio. Leroi-Gourhan, junto com Marshall McLuhan (Strate; Braga; Levinson, 2019), define a técnica como um processo de “extensão do corpo” ou “exteriorização da memória” que libera os membros humanos para trabalharem em outras coisas, inclusive em suas criatividade e invenções. O ponto de intersecção entre técnica e memória está justamente em compreender esse processo que chamaremos de “terceira dimensão da memória”. Porém, no primeiro momento, especulamos rapidamente uma crítica aos estudos da memória social.

Esses estudos seguem o princípio de exteriorização, contudo, a perspectiva sócio-histórica repete a divisão moderna entre técnica e cultura – o que é uma das principais divergências com a crítica pós-humana em tecnologia (Haraway, 2009). Trabalham-se leituras binárias que dividem uma memória “natural” (do indivíduo, do grupo ou da comunidade) de uma memória “artificial” (formada de materialidades, técnicas e mídia). À primeira, defende-se a função de memorização, enquanto, à segunda, o papel de retenção. Essa separação implica um princípio de espontaneidade no indivíduo em seu trabalho de memorização e organização, e geometrização do espaço, do armazenamento das informações e composição dos arquivos.

A historiadora inglesa Frances Yates (2007) vê nos antigos gregos essa preocupação com o aprimoramento da recordação, resultando no que ela chama de “mnemotécnica”. Essa técnica da memorização equivale a uma espacialização, uma vez que a racionalização da informação resulta da organização do espaço que segue uma lógica (*logos*). A mnemotécnica descrita por Yates sinaliza uma poética da memória no sentido de formação, porém, não abrange os instrumentos ou os objetos técnicos.

Por sua vez, a obra da historiadora alemã Aleida Assmann (2011), a respeito do que chama de “espaços de recordação”, busca recuperar a materialidade na teoria da memória. Assmann também separa pares binários. O primeiro par diz respeito à separação entre a mnemotécnica, que corresponde ao armazenamento contra o tempo, e a recordação, que trabalha com o tempo e reúne em si uma economia envolvendo lembrança e esquecimento. O outro par crucial para a abordagem da autora é a memória funcional e a memória cumulativa. Por funcional, entende-se uma memória aplicada à vida, como o caso da memória cultural de grupos sociais; por cumulativa,

compreende-se a retenção de informações que não necessariamente cumprem o critério de praticidade. Através dessas distinções e do movimento metafórico identificado entre eles, Assmann consegue elaborar uma relação entre a mídia moderna e a prática da recordação. Entre mídia e recordação há uma relação metafórica, o que podemos compreender como relações imagéticas (Assmann, 2011, p. 191).

Assmann não é menos consciente do que Yates em relação ao poder da geometrização da mnemotécnica, da sua organização espacial. Ela, contudo, deixa explícito que esse processo opera através de imagens: “[...] a mnemotécnica se aproxima de uma escrita que não dispõe letras em linha, mas constrói uma sintaxe espacial com imagens” (Assmann, 2011, p. 333). Imagem e metáfora, dois conceitos intercambiáveis, são os modos como Assmann interpreta a relação da recordação com as mídias, estabelecendo os moldes pelos quais os grupos organizam suas economias de lembrança e esquecimento. Assmann (2011) esboça uma preocupação sobre as mnemotécnicas digitais da memória e o modo como a recordação digital influencia a sociedade. Porém, a timidez de Assmann para abordar o analógico e o digital joga sobre a técnica uma sombra. A máquina opera, para ela, como uma “caixa preta”.

A dificuldade enfrentada pelos estudos da memória social diante do digital possivelmente deriva de uma leitura de pares antitéticos, onde ignora-se a materialidade do sistema técnico como um elemento dinâmico e articulador desses extremos. Em outras palavras (que logo reaparecerão na concepção de recursividade), separa-se a operação da estrutura. Como demonstrado em Yates e Assmann – ou mesmo no caso de retornarmos às teorias ainda presentes sobre a memória coletiva (Halbwachs, 1990) ou dos lugares de memória, do historiador francês Pierre Nora (1993)<sup>4</sup>, os termos pelos quais a memória é pensada ainda se dividem exclusivamente na relação entre indivíduo e sociedade, ignorando a capacidade de agência da tecnologia na constituição da lembrança. O que a filosofia da técnica rompe, portanto, é o antropocentrismo interpretativo da memória social<sup>5</sup>.

É oportuno realizarmos um desvio pela filosofia de Bernard Stiegler antes de retomarmos nosso caminho, com o objetivo de compreender as características de “retenção” e “protenção” terciárias na memória exteriorizada como técnica.

Em *Technics and Time 1*, Stiegler (1998) buscou responder à ontologia de Heidegger, inclusive apontando uma série de falhas do filósofo alemão na interpretação quanto à técnica. Sua primeira discussão diz respeito ao apagamento de Epimeteu, titã irmão de Prometeu, que recebeu a tarefa de dividir habilidades entre os seres-vivos criados. Epimeteu esqueceu de dotar os humanos de características particulares e, buscando redimir o erro do irmão, Prometeu roubou o fogo dos deuses para os humanos. O que Stiegler argumenta é que o esquecimento de Epimeteu resulta na condição humana como um estado de falta, sendo o humano constituído pela técnica como prótese: “o ser do humano está fora de si mesmo. Com o objetivo de compensar a falha de Epimeteu, Prometeu deu aos humanos o presente de colocarem-se fora deles mesmos” (Stiegler, 1998, p. 193, tradução nossa). O humano se constitui em regime de codependência da técnica, produto do processo de exteriorização da memória e coetânea ao esquecimento. Reaprender a técnica faz parte da própria humanização, processo nomeado pelo filósofo de *epiphylogenesis*<sup>6</sup>. Com isso, Stiegler encaminha seu

segundo argumento em correção a Heidegger (2007; 2012): aquilo que precede o *Dasein* em sua composição (*Gestell*)<sup>7</sup> como ser-no-mundo – o que Stiegler chama de *already-there* (já-aí) – é justamente a tecnologia [ou o mundo técnico, os objetos, as máquinas e demais artefatos]. É pela técnica que o *Dasein* encontra uma herança, um passado que o constitui ainda que não seja o seu. Portanto, o humano precisa vir-a-ser, e assim o faz em relação ao mundo tecnológico.

Heidegger (2012) defende que é a *temporalização da temporalidade* que dá ao *Dasein* um *entendimento de ser*<sup>8</sup>. Respondendo ao filósofo alemão, Stiegler (1998) afirma que a temporalidade que constitui a historicidade do *Dasein* está na tecnologia. A tecnologia quebra a tradição e a reconstitui. Ou, como Stiegler afirma, se trata de um aparato de diferenciação e de adiamento. A experiência temporal do *Dasein* é sempre de adiamento, seu tempo sempre é futuro, um futuro já-aí, como repetição<sup>9</sup>.

Para explicar melhor esse ponto, e a sua relação com a memória, passemos ao conceito de “retenção terciária”. A concepção de *retenção* é do filósofo alemão Edmund Husserl, para quem o termo não se trata de uma representação e ainda não é rememoração, apesar de auxiliá-la (Stiegler, 1998; Hui, 2019). A retenção primária ecoa o fenômeno no “agora” e constitui a memória como eco. Ela orienta o cotidiano. Em sua segunda aparição, a retenção cria imagens-consciência do passado, induzindo a rememoração. É a retenção secundária que apresenta o objeto comum nos estudos da memória social. Contudo, apelando a uma terceira dimensão da memória, Stiegler (1998) recusa a oposição entre primária e secundária. A retenção terciária é produzida pelo “inorgânico organizado”, ou seja, pelo ambiente técnico-geográfico – a técnica em sua localidade. Stiegler (1998) argumenta que é essa memória terciária que retorna à sua fase primária e secundária, determinando as condições do agora e da percepção pela imagem-consciência. A memória terciária precede o indivíduo e o subjetiva, ao mesmo tempo que se mantém objetiva a este. A memória terciária é o já-aí (*already-there*) defendido por Stiegler e projeta um futuro, o tempo autêntico do *Dasein*, como diz Heidegger.

Em *Recursivity and Contingency*, Hui (2019) retoma a noção de memória terciária de Stiegler (1998), destacando sua característica de antecipação. Além do caráter de retenção, a memória possui a habilidade de “protenção”, ligada diretamente à função de orientação. A “protenção terciária” é caracterizada pela repetição, que temporaliza o futuro para o presente. Retenção e protenção compõem juntas o circuito operativo da memória. A memória terciária, afirma Hui (2019), na sua dimensão mais básica e mundana, seria os objetos técnicos que auxiliam no processo de lembrança. Pode se tratar de um CD, um vídeo ou mesmo a internet e seus sistemas de busca. Mais à frente, entraremos na complexidade da temporalidade retida na tecnologia moderna a partir da crítica de Hui à cibernética. Agora, basta fixarmos que a técnica, como exteriorização da memória, constitui uma terceira dimensão desta que auxilia no processo de individuação. De certo modo, como destacam Stiegler (1998) e Hui (2019), a tecnologia permite a vida por meios que não a vida, uma vez que constitui juntamente ambiente e indivíduo. Nesse sentido, como Stiegler (1998) afirma, técnica é tempo.

A protenção terciária defendida por Yuk Hui (2019) direciona sua preocupação com a tecnologia moderna. Hui tentará compreender que tipo de protenção o digital opera diante do humano e, portanto, quais são as consequências na individuação. Para tanto, retomará a cibernética e sua influência na computação. A seguir, trataremos da

concepção de técnica, focando na tecnologia digital como materialização da lógica recursiva estudada por Hui em suas principais monografias.

#### ALGORITMO E RECURSIVIDADE

Memória e técnica são análogas, uma vez que aceitamos o argumento da retenção e protensão terciária. Será através dessa dimensão da memória que chegaremos à relevância da analítica da cosmotécnica como síntese da crítica à cibernética. Desse modo, no primeiro momento, será preciso compreender o que significa a recursão. Não seremos capazes de repetir o argumento lógico expressado por Hui e, por isso, nos deteremos em desenhar seu movimento. Defenderemos, com o autor, que a recursão causou uma transformação na temporalidade moderna, que atualiza a aura benjaminiana (Benjamin, 2012) reproduzida nas teorias críticas pós-coloniais e decoloniais – o tempo vazio e homogêneo (Mezzadra; Rahola, 2008).

A separação moderna entre tempo e espaço foi, segundo Yuk Hui (2019), revertida pela filosofia cibernética, o que ele demonstra explorando a concepção de causalidade recursiva e os trabalhos de Norbert Wiener. O embate entre o tempo orgânico de Henri Bergson (o da “duração”) e o tempo físico da mecânica linear newtoniana teria se encerrado quando os modelos de autômatos passaram a imitar o funcionamento do organismo vivo, retirando, assim, o sentido da oposição entre mecanicismo e vitalismo, e entre o tempo físico como abstração e o tempo orgânico como espacialização.

A cibernética, diz Hui (2019), introduz o funcionamento das máquinas modernas a partir da recursão, o que coloca, argumentamos, os objetos técnicos como agentes de recordação, e não apenas como metáforas a serem manipuladas. Yuk Hui (2020b), opondo-se à visão dualista da realidade, utiliza o conceito de recursividade para descrever “uma operação não linear que retorna constantemente para si mesma a fim de se conhecer e se determinar” (Hui, 2020b, p. 103). O filósofo destaca que, apesar de existirem diversas modalidades de recursão, o elemento em comum entre elas encontra-se na superação do dualismo. Dois conceitos são centrais: o de *informação*, entendido como o que dispara a atualização de um sistema metaestável, e o de *feedback*, uma “causalidade recursiva” que possibilita a autorregulação.

O posicionamento crítico de Hui (2016b, 2020b) sobre a cibernética enfatiza que a técnica carrega consigo um princípio de organização informacional intrusivo para os modos de vida originários locais. A inteligência recursiva comporta-se como “alma”, se alimentando do ambiente no qual é empregada. A lógica da cibernética ignora os processos de gênese moral local e reduz os ambientes originários a um conjunto de formas aritméticas.

A lógica da cibernética ainda é formal; por isso, ela subestima o ambiente ao reduzi-lo a mera funcionalidade baseada em um *feedback*, de modo a integrá-lo à operação de um objeto técnico. Nesse aspecto, o ambiente é exposto como objeto científico e tecnológico, enquanto sua posição no interior da gênese da tecnicidade é ignorada. (Hui, 2020b, p. 120).

De acordo com Hui (2020b), a cibernética moldou o princípio de operação das máquinas contemporâneas, estando presente no funcionamento algorítmico da automatização por meio da inteligência artificial. O autor busca responder ao processo de globalização dessas máquinas situando a exteriorização da memória no *cosmos*, a ordem local. Considerando ainda que a tal exteriorização se encontra vinculada ao regime informacional hegemônico de determinada sociedade, pode-se inferir que tanto a informação como a memória são interdependentes dessa localidade. Mas, antes deste salto, pensemos um pouco mais sobre a recursão, uma vez que ela pode ser facilmente confundida com um *looping*, ou um simples movimento de retorno ao ponto inicial.

Enquanto em um movimento mecânico um corpo progride do ponto A para um ponto B, alterando com isso sua localização espaço-temporal, em um movimento circular o corpo parte do ponto A, passa pelo ponto B e retorna ao ponto A, sem que haja nesse corpo qualquer alteração substancial. Ou seja, ele simplesmente retorna à sua posição originária. Na recursão, contudo, o corpo e seu ambiente sofrerão uma alteração importante, um processo de atualização.

Como antecipado, um conceito torna-se central nas máquinas cibernéticas e expressa esse processo recursivo: o *feedback*. Em muitos momentos, Hui (2019) utiliza o termo como sinônimo de recursão. Trata-se, em outras palavras, da diferença entre o *input* e o *output*, um movimento basilar da computação. Em termos filosóficos, o *feedback* quebra com uma série de dicotomias, como entre estrutura e operação, ou entre organismo e *telos*. Nesse sentido, diferente de uma circularidade paralisante, a recursão orienta a máquina em sua própria transformação e do seu meio-associado: "*feedback* significa reflexão, a circularidade entre um ser e seu ambiente, um movimento não-linear de auto ajustamento em prol de um propósito ou um *telos* que define o todo" (Hui, 2019, p. 123, tradução nossa, grifos nossos). Seria um erro entendermos, com isso, que a recursão fixa o *telos*. Ao contrário, Hui (2019) defende que a recursividade transforma a contingência em uma "necessidade", ao mesmo tempo que a torna ambígua; ela é predeterminada e aberta.

Diferente do que ocorre com o mecanicismo que interpreta o contingente enquanto um erro de previsão, a cibernética toma-o como necessidade, desde que assegurada uma medida de diferença. Existe na máquina moderna uma característica de previsibilidade, ou programabilidade. É esperado que um certo grau de diferença retorne no movimento de *feedback*. Essa diferença deve ser passível de ser compreendida pela máquina a fim de ser atualizada. Porém, é essa característica predominante da cibernética que dota a máquina moderna de uma capacidade de controle e leva a uma série de temores compreensíveis sobre sua força intrusiva, uma vez que, como destacamos acima, ela opera em larga medida de modo formal. Pela recursividade-contingente, até o acaso deve ser calculável (Hui, 2015b).

Em *On the existence of digital objects*, Hui (2016a) destaca a recursão como parte da lógica algorítmica e da sua capacidade de retenção e protensão. Ao atentar à retenção-protensão terciária, o filósofo chinês responde Heidegger, afirmando que tempo e lógica (o cálculo) não são mais opostos diante da recursão, apenas correspondem a duas ordens de magnitude diferentes, embora interajam entre si. O algoritmo concretiza essa relação entre tempo e lógica ao participar ativamente do cotidiano. O exemplo do uso do Google é didático:

Vamos olhar para um exemplo simples: quando as pessoas querem ir a um restaurante, hoje em dia elas estão cada vez mais propensas a primeiro pesquisar online. Podemos notar que o Google é capaz de sugerir qual é o restaurante mais próximo e o preferível para suas necessidades de acordo com suas pesquisas e recomendações do algoritmo. Podemos fazer ao menos duas observações primárias baseadas nesse exemplo: (1) protensão terciária tende a depender da retenção terciária, por exemplo, as relações dadas pelos objetos digitais, esses vestígios que deixamos, como imagens, vídeos e geolocalizações; e (2) orientação torna-se mais e mais um processo algorítmico que analisa e produz relações para pavimentar o caminho para a experiência do próximo agora ou do futuro imediato. (Hui, 2016a, p. 221-222, tradução nossa).

Sem o algoritmo e a recursão, o meio digital seria não mais do que um depósito de formas. É sua capacidade de antecipação da experiência que dota a memória terciária da função de orientação, em um sentido espaço-temporal. É possível caminhar para uma mudança já esperada, uma vez que o próprio futuro se tornou presente. Essa programabilidade do social a partir da lógica algorítmica levanta o problema da desorientação, como também destacou Stiegler (2010), uma vez que a predeterminação do futuro cria uma determinação sobre o *ser* ao impor o próprio tempo enquanto procedimento lógico.

A resposta à desorientação, de acordo com Yuk Hui (2016b), deve combater o processo de alienação da técnica. Hui (2016b) segue o conceito de alienação trabalhado por Gilbert Simondon em *Do modo de existência dos objetos técnicos* (2020b). Para Simondon, a alienação decorre da separação entre técnica e cultura. Segundo o filósofo francês, o combate a essa alienação deve priorizar a reconexão entre esses dois termos a partir da retomada da gênese dos objetos técnicos, a tecnicidade. No entanto, Hui não acredita que seja possível trabalhar a gênese da tecnicidade enquanto contingência, uma vez que a recursão algorítmica seria capaz de prever e reduzir a informação em dados discretos. Hui (2016b) sugere pensar em “acidente” – a recuperação da localidade enquanto parte da investigação sobre a técnica – como modo de superar normatividades tecnológicas e de criar as condições de novos meios-associados para os objetos técnicos. Por conta disso, o autor se preocupa em fomentar imprevisibilidades e incomputabilidades para as máquinas. Podemos relembrar a explicação inicial sobre a técnica enquanto origem do humano no mito prometeico, além desta ser a condição pela qual a experiência-passada-outra é recuperada como uma experiência-cada-vez-mais-minha; quer dizer, um processo de individuação pela experiência histórica. Retomar a tecnicidade é retomar a origem como um acidente e não mais uma essência.

A localidade será trabalhada nos termos de uma melhor orientação, não no sentido de autenticidade do ser, mas como uma nova individuação junto ao meio-associado, de modo que supera o formalismo cibernético ao retomar o fundo da figura técnica. De fato, as características topológicas são próprias ao ambiente digital (Djick, 2007); em um artigo, Yuk Hui (2015a) argumentou que a criação de arquivos pessoais por meio de ferramentas digitais deve direcionar a organização de um meio-associado para nós mesmos de modo que facilite a orientação em uma era de fluxos intensos de

informação. A cosmotécnica aponta para a localidade contra a alienação algorítmica, ou o que já tem sido chamado de “colonialismo recursivo” (Parisi; Ferreira da Silva, 2021).

## COSMOPOLÍTICA DA MEMÓRIA

A crítica de Yuk Hui (2016b, 2019, 2021) à cibernética segue tanto Martin Heidegger quanto Gilbert Simondon. Se, por um lado, a cosmotécnica é uma resposta à *Geste* heideggeriana, ela também diz respeito à conciliação entre cultura e técnica, como defendida por Simondon. Caso se aceite a premissa de que a técnica corresponde a uma exteriorização da memória, defendida por Stiegler e Hui, podemos assumir que uma perspectiva cosmológica deve guiar as políticas de memória, conduzindo uma abertura do conceito e da economia lembrança-esquecimento nos estudos da memória social<sup>12</sup>. Essa abertura, queremos argumentar, introduz a fragmentação da historicidade.

Como demonstraremos, a ideia de localidade – apreendida por Hui da virada ontológica na antropologia e introduzida por ele nos devires tecnológicos – pode significar uma problemática importante para os processos informacionais e da memória social. Partindo da premissa de que a mnemotécnica opera uma organização do espaço, uma geometrização, destacaremos que a localidade deve alterar os princípios que regem esta organização e orientação espaço-temporal, tornando-se um projeto a ser desenvolvido em instituições e iniciativas de memória.

Façamos mais um breve desvio pela filosofia de Simondon antes de adentrarmos na cosmotécnica. A apropriação de Hui da individuação dos organismos vivos e dos objetos técnicos em Simondon é crucial para compreender a que se refere a localidade. Dois trabalhos são importantes: *A individuação à luz das noções de forma e informação* (Simondon, 2020a), que apresenta uma filosofia da individuação, do surgimento dos indivíduos físicos e vivos; e *Do modo de existência dos objetos técnicos* (Simondon, 2020b), seu contraponto à cibernética. De modo simplificado, a individuação dos seres-vivos dá forma não apenas ao indivíduo mas a duas outras dimensões importantes: ao pré-individual (também chamada por Simondon de “natureza”), que seria composta por potenciais do meio-associado não aproveitados na individuação, mas que permanecem disponíveis para futuros processos de “transdução”, e individualizações (mudanças estruturais mediante sinais de informação), e a transindividual, que informa um coletivo. Simondon (2020b) enfatiza que o transindividual não é nem o interindividual e muito menos o social; trata-se de uma dimensão entre esses dois entes concretizados. A relação transindividual conecta os indivíduos a partir do pré-individual e é mantida pelos objetos técnicos (Simondon, 2020b, p. 360).

A transindividualidade é o objetivo final da cosmotécnica. Sua concepção de *cosmos* é um termo intercambiável com o pré-individual<sup>13</sup>. Insistindo nisso, podemos retomar rapidamente a especulação filosófica de Simondon sobre a gênese da tecnicidade, que consta no último terço de *Do modo de existência*. Para o filósofo francês, ao superar sua fase mágica, a humanidade separa a tecnicidade da religião, sendo a primeira desenvolvida como figura e, a segunda, enquanto fundo<sup>14</sup>. Cada uma, posteriormente, se subdivide em figura e fundo, dando origem a modos práticos (que contemplam apenas figura) e modos teóricos (que contemplam apenas os fundos). Para Simondon (2020b), o trabalho da filosofia consiste em religar ambos e retomar a

unidade perdida – a reticularização do mundo. A cosmotécnica é a tentativa de Hui de formular uma agenda em torno dessa tarefa de reorganização. Portanto, compreendemos que a localidade tematizada por Hui (2020b) deve ser interpretada como o pré-individual, ou como esse fundo perdido da tecnicidade. Hui trabalha a cosmotécnica como uma cosmopolítica, pensando não em problemas do indivíduo ou da sociedade, mas, sim, em uma terceira síntese de relações que tomamos como sendo a transindividualidade – aquilo que Henrique Parra (2022) entende como dissensos e conflitualidades em direção a uma ontologia relacional. Acreditamos que é na memória terciária que a transindividualidade se concretiza e, para isso, ela depende em alta medida da recuperação de uma historicidade local.

“Cosmopolítica” é um termo cunhado pelo filósofo iluminista Immanuel Kant, que admitia apenas uma natureza a ser reconhecida como racional: “[...] a racionalidade corresponde à universalidade teleológica organicista ostensivamente concretizada na constituição tanto da moralidade quanto do Estado” (Hui, 2020, p. 32). Outra concepção da cosmopolítica tem sido trabalhada pela virada ontológica, que pode ser sintetizada na fórmula “várias culturas, várias naturezas”. Derivado dessa formulação, o multinaturalismo busca responder ao neokantismo do multiculturalismo (Viveiros de Castro, 2018).

Seguindo o debate antropológico, Hui (2016b, 2021) vê na localidade uma perspectiva, uma ordenação do *cosmos* que parte de uma natureza particular (do pré-individual), a qual nem sempre condiz com a “medida” de natureza imposta pela calculabilidade ocidental (a *Gestell*). Hui (2020b), contudo, adverte a antropologia e o pós-colonialismo a respeito de dois pontos cegos: primeiro, o fato de a colonização europeia ter alterado substancialmente a natureza local a partir da globalização tecnológica; e, segundo, a sincronização moderna, que opera pela recursão, e que não pode ser enfrentada por meio de dualismos críticos como antigo/moderno, selvagem/civilizado, ocidental/oriental etc. Hui (2020b) defende que se deve introduzir a variante técnica no multinaturalismo: várias naturezas, várias técnicas.

A localidade na problemática técnica é o ponto central da cosmotécnica, como diz Hui em sua definição prévia: “[...] cosmotécnica é a unificação do cosmos e da moral por meio das atividades técnicas, sejam elas da criação de produtos ou de obras de artes. Não há apenas uma ou duas técnicas, mas muitas cosmotécnicas” (Hui, 2020b, p. 39). Um exemplo apresentado por Hui (2016b, 2020b) é a relação entre *Qi* e *Dao* e suas transformações históricas na filosofia chinesa. *Qi* e *Dao* são dois princípios cosmológicos que organizam a relação espaço-temporal. Hui (2016b, 2020b) deixa claro que não se trata de uma visão nacionalista, mas de como uma tradição filosófica constitui o mundo. *Qi* e *Dao* formam uma unidade de relações na história da metafísica chinesa. Hui (2016b, 2020b) explora esses conceitos no Confucionismo e no Taoísmo, mostrando como os filósofos chineses compreenderam essa relação. A metafísica entre *Qi* e *Dao*, relação essa que se transforma com as diferentes escolas de pensamento chinês, foi negligenciada pelas políticas aceleracionistas da China contemporânea. Nesse sentido, a proposta de Hui (2016b, 2020b) é explorar historicamente os discursos filosóficos entre *Qi* e *Dao* a fim de compreender de que modo a tecnologia moderna pode ser reorientada.

Um modo sintético de pensar *Qi* e *Dao* é oferecido por Hui (2020b) em seu

artigo *Cosmopolítica como Cosmotécnica* (2020). *Dao* é o que está “acima das formas”, *Qi* é o que se situa “abaixo das formas”. As diferentes maneiras de se relacionar com *Qi* e *Dao* levariam a uma harmonia entre o mundo humano e o paraíso (*heaven*, como escreve Hui, em inglês). Uma pequena anedota demonstra a importância desses conceitos para a técnica: o açougueiro Pao Ding é descrito como excelente em esartejar vacas; Pao Ding explica que não segue seus órgãos visuais, nem confia cegamente no equipamento, pois confia apenas no *Dao* e deixa que seu braço siga a intuição. De acordo com as divisões apresentadas pela anedota, o *Dao*, o princípio da natureza do animal, é mais importante do que o *Qi*, a ferramenta. Por não confiar na sua faca e seguir o *Dao*, Pao Ding não passa por tendões, segue os caminhos apresentados pelo bovino e não precisou trocar a ferramenta por 19 anos: “Quando se vê diante de uma dificuldade, Pao Ding detém a faca e tateia em busca do lugar certo para que possa avançar” (Hui, 2020b, p. 44).

Para Hui (2020b), a história de Pao Ding demonstra que, na filosofia chinesa, não existiu um problema central em torno da técnica, uma vez que o açougueiro avalia que não se deve confiar no objeto técnico e, sim, no *Dao*. Seguindo o *a priori* da retenção-proteção terciária, Hui levanta a hipótese de que o tempo também não foi um problema central na China. O tema central para a narrativa é o “aprender a viver” mais do que o aperfeiçoamento técnico ou o tempo:

Se há um conceito de “técnica” aqui, ele está separado do objeto técnico: ainda que o objeto técnico não seja desprovido de importância, não se pode buscar a perfeição da técnica pelo aperfeiçoamento de uma ferramenta ou de uma habilidade, já que a perfeição só pode ser alcançada pelo *Tao*. A faca de Pao Ding nunca corta tendões ou ossos; em vez disso, ela busca pelos vãos e os percorre com facilidade. E, ao fazê-lo, desempenha a função de destrinchar uma vaca sem se colocar em risco – isto é, sem que a faca perca o fio e seja substituída. Ela, assim, se realiza inteiramente como faca. (Hui, 2020b, p. 44-45).

Esse exemplo demonstra que a localidade trabalhada por Hui deve ser introduzida na técnica como pré-requisito para uma nova cosmopolítica. Localidade e historicidade são análogas porque elas introduzem nos devires tecnológicos as diversas perspectivas retidas na memória. Em um sentido performático, recuperar a história não é direcionado apenas à narrativa. Contar essas histórias muda a relação com o mundo técnico. Falamos, portanto, de uma cosmopolítica da memória, uma geometrização dos espaços de recordação, para retomar o termo de Aleida Assmann. Esses espaços precisam se preocupar com a recuperação histórica dos princípios cosmológicos da localidade e introduzi-los na composição técnica. Segundo Hui (2016b, 2021), não se trata de recusar a tecnologia moderna, mas, sim, de introduzir um novo começo “acidental” pela cosmotécnica. Do mesmo modo, deve-se trabalhar tal problemática para as políticas de memória, compreendendo-as como mnemotécnicas. Propomos uma síntese neste trabalho: várias técnicas, várias memórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos sintetizar nosso argumento agora: a cosmotécnica é um trabalho centrado na memória, como compreendida em seu processo de exteriorização, nas relações de suas dimensões e funções de retenção e protensão. Esse trabalho trata de recuperar a capacidade de organização da historicidade retida pela tecnologia moderna, em especial a digital.

É possível constatar que a compreensão da historicidade é um embate com o inconsciente tecnológico que domina a história da modernidade. A cosmotécnica parte desse ponto para introduzir outros princípios de geometrização do espaço. Por exemplo, organizar um arquivo, um memorial ou um museu significa trabalhar por meio da retenção-protensão terciária. Em tais contextos, a orientação espaço-temporal torna-se um elemento central. Não mais por um problema de identidade, e, sim, por conta do processo de individuação que se concretizará nesses espaços. Assim, a memória serve à transindividualidade por meio de uma relação ancorada na tecnologia.

A cosmotécnica de Hui (2020b) anuncia uma saída da modernidade. Se pensarmos como cosmopolítica da memória, ela deve recuperar a tecnologia como uma medida de autonomia. Sem esta, salienta Hui (2020b), os esforços pós-modernos têm sido em vão, uma vez que não foram capazes de romper com o inconsciente tecnológico. Esse argumento sugere que a diversidade da memória não significa apenas um direito à preservação ou ao acesso ao patrimônio, mas igualmente ao futuro.

Artigo recebido em: 13/06/2023

Aprovado para publicação em: 15/01/2024

---

## COSMOTECHNICS AS A COSMOPOLITICS OF MEMORY: AN ANALYTICAL PROPOSAL BASED ON THE WORK OF YUK HUI

**ABSTRACT:** This study aims to reflect on the ability of modern technology to reorganize historicity, exploring the thoughts of philosopher Yuk Hui. Hui emphasizes technodiversity as a crucial element in contemporary debates on technique. Using a bibliographic analysis that integrates Hui's ideas with discussions from the Philosophy of Technique, this work proposes cosmotechnics as an approach to memory, thus establishing a cosmopolitics of memory. This interdisciplinary analysis method provides an expanded understanding of the relationship between technique, memory, and technological diversity.

**KEYWORDS:** Memory; Technique; Cosmotechnics; Cosmopolitics.

---

GONZAGA, G. dos S.; SILVA, A. S. M. da.

## LA COSMOTECNIA COMO COSMOPOLÍTICA DE LA MEMORIA: UNA PROPUESTA ANALÍTICA A PARTIR DEL TRABAJO DE YUK HUI

**RESUMEN:** Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre la capacidad de la tecnología moderna para reorganizar la historicidad, explorando el pensamiento del filósofo Yuk Hui. Hui resalta la tecnodiversidad como un elemento crucial en los debates contemporáneos sobre técnica. Utilizando un análisis bibliográfico que integra las ideas de Hui con discusiones de la Filosofía de la Técnica, este trabajo propone la cosmotécnica como una forma de abordar la memoria, configurándose así una cosmopolítica de la memoria. Este método de análisis interdisciplinar proporciona una comprensión ampliada de la relación entre técnica, memoria y diversidad tecnológica.

**PALABRAS CLAVE:** Memoria; Técnica; Cosmotécnica; Cosmopolítica.

---

### NOTAS

<sup>1</sup> A ideia de “inconsciente tecnológico” é descrita por Hui como uma síntese dos trabalhos de Stiegler e sua ambiciosa desconstrução da categoria de tempo. Para Hui (2016b), a modernidade filosófica pode ser caracterizada pela incompreensão dessa “subterrânea” evolução técnica que decompõe e recompõe a humanidade.

<sup>2</sup> “Evento cosmotécnico” é como Hui chama a reinscrição da tecnologia moderna em outras tecnicidades e localidades.

<sup>3</sup> Individualização e Individuação são dois conceitos da filosofia de Simondon. Individualização remete à concretização do indivíduo a partir da informação. A individualização é um processo contínuo por meio da transdução, ou seja, mudanças estruturais do indivíduo resultantes do recebimento de cargas de informação. Ambos os processos partem da interação indivíduo-ambiente, o que faz do indivíduo sempre um estado metaestável da individuação.

<sup>4</sup> Em *Art and Cosmotronics* (2021), Hui argumenta que historicidade e localidade são conceitos análogos. Trabalhando esses dois termos, Hui (2021) defende que a historicidade é uma saída para a sincronização hegemônica da tecnologia capitalista-moderna; no entanto, apenas quando é reconhecida a necessidade de que a tomada de consciência introduza novas operações na máquina.

<sup>5</sup> A hipótese do presentismo, de François Hartog (2013), amplamente debatida nos círculos da Teoria da História, permanece limitada por essa perspectiva antropocêntrica sobre a memória.

<sup>6</sup> O “antropocentrismo interpretativo” é a tônica do verbete *Memória* redigido por Jacques Le Goff (1994), também criticado pelo historiador Pedro Telles da Silveira (2018) em sua tese de doutorado.

<sup>7</sup> A *epiphylogenesis* é desenvolvida através da obra de André Leroi-Gourhan e o processo de *corticalização* frontal dos hominídeos a partir da aprendizagem de habilidades com as mãos (STIEGLER, 1998).

<sup>8</sup> Em algumas traduções, *Gestell* é chamada de “armação”. Usamos *composição* para seguir a leitura heideggeriana de Yuk Hui.

<sup>9</sup> Essa explicação advém da segunda parte de *Ser e Tempo* (2012), explorada pela Filosofia da História, em especial para a concepção de historicidade. Reproduzindo alguns termos de Heidegger, entendemos que a temporalidade mais-própria do *Dasein* é uma unidade estática descoberta no estado de angústia do ser-para-a-morte. Essa temporalidade estática se temporaliza no que seriam os diferentes modos temporais de ser-no-mundo.

<sup>10</sup> É a relação entre temporalidade e historicidade seguida por Heidegger no segundo volume de

*Ser e Tempo*. Essa discussão é retomada por Stiegler, que avalia que Heidegger prestou pouca atenção ao "o quê" na temporalização do *Dasein* – esse "o quê" que está no interior do mundo é a sua composição (*Gestell*), ou seja, estamos falando do mundo técnico.

<sup>11</sup> Em parte, concordamos com o historiador Félix Raul Martínez Cleves (2022) sobre a farmacologia em Bernard Stiegler e sua relação com a obra de Yuk Hui. Porém, julgamos necessária a diferenciação entre política e cosmopolítica e a crítica do filósofo chinês ao etnocentrismo. Portanto, a cosmopolítica é a defesa do reconhecimento dos modos de existência, ou seja, uma política ontológica. Já a cosmotécnica é a realização da cosmopolítica pela tecnologia.

<sup>12</sup> Para Lucas Paulo Vilalta (2021), a religiosidade para Simondon também se refere ao pré-individual. Quer dizer uma lembrança do indivíduo de uma realidade que transcende a individuação e a relação do indivíduo com o coletivo. Nesse sentido, podemos fazer a afirmação de que o *cosmos*, a historicidade, a memória e a técnica se relacionam com o indivíduo como realidades que o excedem.

<sup>13</sup> Figura e Fundo são termos que Simondon toma emprestado da teoria da percepção da psicologia da *Gestalt*.

---

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BARTHÉLÉMY, J-H. Fifty Key Terms in the Works of Gilbert Simondon. *In*: DE BOEVER, A.; MURRAY, A.; ROFFE, J.; *et al.* (Orgs.). **Gilbert Simondon**: Being and Technology. United Kingdom: Edinburgh University Press, 2012, p. 203-231.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. *In*: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**, 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 241-252.

DIJCK, J. V. Memory Matters in the Digital Age. *In*: DIJCK, J. V. **Mediated memories in the digital age**. California: Stanford University Press, 2007, p. 27-52.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

HARAWAY, D. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007.

GONZAGA, G. dos S.; SILVA, A. S. M. da.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HUI, Y. A Contribution to the Political Economy of Personal Archives. *In*: LANGLOIS, G.; REDDEN, J.; ELMER, G. (Orgs.). **Compromised Data: From Social Media to Big Data**. London: Bloomsbury Academic, 2015a, p. 226-246.

HUI, Y. **Art and Cosmotechnics**. Minnesota: The University of Minnesota Press, 2021.

HUI, Y. For a Cosmotechnical Event: In Honor of Don Ihde and Bernard Stiegler. *In*: MILLER, G.; SHEW, A. (Orgs.). **Reimagining Philosophy and Technology, Reinventing Ihde**. Philosophy of Engineering and Technology. Cham: Springer International Publishing, 2020a, v. 33, p. 87-102. Disponível em: [http://link.springer.com/10.1007/978-3-030-35967-6\\_6](http://link.springer.com/10.1007/978-3-030-35967-6_6). Acesso em: 30 maio 2021.

HUI, Y. Modulation after control. **New Formations**, London, v. 84, n. 84-85, p. 74-91, 2015b.

HUI, Y. **On the existence of digital objects**. Electronic mediations, 48. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016a.

HUI, Y. **Recursivity and contingency**. Media philosophy. London; New York: Rowman & Littlefield International, 2019.

HUI, Y. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020b.

HUI, Y. **The notion of information in Simondon**. 1. Digital Milieu. Disponível em: <http://digitalmilieu.net/119/the-notion-of-information-in-simondon-1/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

HUI, Y. **The Question Concerning Technology in China: An Essay in Cosmotechnics**. London, UK: Urbanomic, 2016b.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

LEROI-GOURHAN, A. Nota sobre as relações entre tecnologia e sociologia. **Cadernos do Ateliê**, [s. l.], v. 1, n. 2, fascículo 3, 2019.

MARTÍNEZ CLEVES, F. R. La farmacia de Bernard Stiegler: pensar la memoria y abrir la historia para que la vida merezca ser vivida. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 15, n. 39, p. 77-101, 2022.

MEZZADRA, S.; RAHOLA, F. La condición postcolonial: unas notas sobre la cualidad del tiempo histórico en el present global. *In*: MEZZADRA, S. (Org.). **Estudios Postcoloniales**. Ensayos fundamentales. Madrid: Traficante de sueños, 2008, p. 261-278.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História: Media philosophy**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PARISI, L.; FERREIRA DA SILVA, D. Black Feminist Tools, Critique, and Techno-poethics. **E-flux journal**, New York, v. 123, p. 4-14, 2021.

PARRA, H. Z. M. Da tecnopolítica às lutas cosmotécnicas: dissensos ontoepistêmicos face à hegemonia cibernética no Antropoceno. //: KLEBA, J.; CRUZ, C.; ALVEAR, C. (Orgs.). **Engenharias e outras práticas técnicas engajadas**. v. 3. Diálogos interdisciplinares e decoloniais. Campina Grande: Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2022, p. 339-394.

SILVEIRA, P. **História, técnica e novas mídias**: reflexões sobre a história na era digital. Tese. (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018, 375f.

SIMONDON, G. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2020a.

SIMONDON, G. **Do Modo de Existência dos Objetos Técnicos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020b.

STIEGLER, B. Memory. //: MITCHELL, W. J. T.; HANSEN, M. B. N. (Orgs.). **Critical Terms for Media**. Chicago; London: University of Chicago Press, 2010, p. 66-87.

STIEGLER, B. **Technics and Times 1**: the fault of Epimetheus. Stanford: Stanford University Press, 1998.

STRATE, L.; BRAGA, A.; LEVINSON, P. O mais célebre aforismo: o meio é mensagem. //: **Introdução à Ecologia das Mídias**. Rio de Janeiro: Ed. Loyola, 2019, p. 41-65.

VILALTA, L. P. **Simondon**: uma introdução em devir. São Paulo: Alameda, 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas Canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora; n-1 editora, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, E.; HUI, Y. For a Strategic Primitivism: A Dialogue between Eduardo Viveiros de Castro and Yuk Hui. **Philosophy Today**, Chicago, v. 65, n. 2, p. 391-400, 2021.

YATES, F. As três fontes latinas da arte clássica da memória. //: YATES, F. **A arte da memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 17-47.

GONZAGA, G. dos S.; SILVA, A. S. M. da.

---

GABRIEL DOS SANTOS GONZAGA: Doutorando em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Professor da Secretaria de Educação de Porto Alegre (SMED-POA). Membro do Grupo de Estudo em História e Filosofia da Técnica (Gtec-APPH) e do Laboratório de Estudos em Teoria, Historicidade e Estética (Lethe-Unirio).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0267-7675>

E-mail: [gabrielgonzaga93@hotmail.com](mailto:gabrielgonzaga93@hotmail.com)

---

ALEX SANDRO MALAQUIAS DA SILVA: Doutorando em Ciência da Informação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pesquisador-Tecnologista em Metrologia e Qualidade no Inmetro desde 2002. Atualmente, está desenvolvendo seus estudos nos seguintes temas: inteligência artificial, algoritmos e tecnologias digitais.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5485-4808>

E-mail: [alexmalaquias@uol.com.br](mailto:alexmalaquias@uol.com.br)

---

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).